

GÊNERO E CRÍTICA SOCIAL EM “AS MENINAS” DE LYGIA FAGUNDES TELLES

GENDER AND SOCIAL CRITIQUE IN “AS MENINAS” BY LYGIA FAGUNDES TELLES

EL GÉNERO Y LA CRÍTICA SOCIAL EN “AS MENINAS” DE LYGIA FAGUNDES TELLES

*Amara Cristina de Barros e Silva BOTELHO**
*Caio Victor Lima Cavalcanti LEITE***

Resumo: Neste artigo constam os resultados finais obtidos através da pesquisa de iniciação científica intitulada “Gênero e Crítica Social em As Meninas de Lygia Fagundes Telles”. Como o título sugere, os dois temas que nortearam este trabalho foram a investigação de fatores sociológicos e as questões relacionadas a gênero inseridas no romance de Telles. Tem-se como parte do referencial teórico conceitos discutidos por Lucács (2011); Candido (2005); Judith Butler (2003); Moreira Alves; Pitanguy (2003). A pesquisa é agregada ao projeto principal “A ficção produzida por escritoras de Língua Portuguesa”, desenvolvida pelo Centro de Estudos Linguísticos e Literários da UPE – CELLUPE – contando com o financiamento do CNPq.

Palavras-chave: Literatura; Sociedade; Gênero; Feminino.

Abstract: This article includes the final results obtained through the research of undergraduate research entitled “Gênero e Crítica Social em As Meninas de Lygia Fagundes Telles”. As the title suggests, the both themes that guide this study were the investigation of sociological factors and studies related to gender inserted in Telle’s novel. There are as part of the referential, concepts developed by Lucács (2011); Candido (2005); Beauvoir (1949); Judith Butler (2003); Moreira Alves; Pitanguy (2003). This search is aggregated to the main project named “A ficção produzida por escritoras de Língua Portuguesa” developed by The Centre of Linguistic and Literary Studies UPE – CELLUPE – with the financinc provided by PIBIC/CNPq.

Keywords: Literary; Society; Gender; Feminine.

Resumen: Este artículo contiene los resultados finales a través de la investigación científica de iniciación titulado Género y Crítica Social En As Meninas de Lygia

* Professora Doutora do curso de Letras da Universidade de Pernambuco (UPE);
Contato: acristinabotelho@gmail.com

**Membro do grupo de pesquisa CELLUPE da Universidade de Pernambuco (UPE);
Contato: caio_cavalcanti@yahoo.com.br

Fagundes Telles. Como sugiere el título, los dos temas que guiaron este estudio fue la investigación de los factores sociológicos y las cuestiones relacionadas con el género insertada en Telles novela. Ha sido como parte de los conceptos teóricos discutidos por Lucács (2011); Cándido (2005); Judith Butler (2003); Moreira Alves; Pitanguy (2003). La investigación se agrega al proyecto principal de “A ficção produzida por escritoras de Língua Portuguesa”, desarrollado por el Centro de Lengua y Estudios Literarios de la UPE - CELLUPE - depender de la financiación de CNPq.

Palabras clave: Literatura; Sociedad; Género; Femenino.

Introdução

Quando se estuda a Literatura Brasileira escrita em meados das décadas de 60 e 70 do século XX, é preciso ter consciência de que, embora haja muitos literatos ativos, poucos foram os que exprimiram o contexto social e político em voga no Brasil da época. As duas décadas citadas atravessam um delicado momento no que concerne ao viés político e social, com a instauração da ditadura civil-militar¹, reverberando um sentimento de angústia por conta da dura repressão. Essa mesma repressão atinge os movimentos artísticos que acabam por ter sua liberdade restringida.

É também em meio a esse agitado momento político-social que movimentos sociais como o Feminismo acabam por incorporar outras frentes de luta, repensando conceitos e trazendo novos questionamentos acerca da problemática de gênero.

Lygia Fagundes Telles publica um de seus romances mais emblemáticos, “As Meninas” (1973), justamente nesse período de intensa movimentação. A narrativa contém elementos que denunciam a realidade sociopolítica pela qual o Brasil passava naquele instante. Por conter três personagens femininas centrais, a obra tornou-se porta-voz do sujeito feminino que buscava uma maior representatividade naquele período com a eminente crise do patriarcalismo. A literatura de Telles, portanto, acaba por assumir uma importância singular dentro daquele contexto social.

¹ Segundo Fausto (1995), a ditadura militar surge em 1964 e vai até o ano de 1984. Considerada uma coalizão civil-militar, implanta um novo regime político financiado pela burguesia tendo como pano de fundo as Forças Armadas. O autoritarismo era marca do novo regime o que acabou por gerar uma grande repressão dentro das várias camadas sociais.

2 A literatura e suas relações com o meio social

Acerca da relação obra e sociedade, Candido (1965, p. 30) afirma que o sociólogo moderno pressupõe que a arte:

[...] depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção de mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais [...].

Desta forma, o meio exerce certa influência sobre a obra, influência essa que se reverbera no público leitor. Nos últimos anos, os estudos sociológicos sobre a arte têm se voltado para a obra e sua área de influência e intersecção. Candido (1965, p. 85) explicita “este dinamismo da obra, que esculpe na sociedade as suas esferas de influência, cria o seu público, modificando o comportamento dos grupos e definindo relações entre os homens”.

Entretanto, sobre a relação que a literatura estabelece com a sociedade Lucács afirma que:

[...] a forma artística nunca é uma simples cópia mecânica da vida social. É certo que ela surge como espelhamento de suas tendências, porém possui, dentro desses limites, uma dinâmica própria, uma tendência própria à veracidade ou ao distanciamento da vida. (LUCÁKS, 2011, p. 135-136).

Do que se infere que a obra de arte – o romance, especificamente – e seus elementos são um tanto complexos e não podem ser analisados somente através desse viés que a relaciona com a sociedade.

Faz-se necessário, de acordo com Lukács, perceber que a literatura atua não apenas como fonte histórica, mas representa um importante instrumento que desempenha papel ideológico, filosófico, social, e, até mesmo, político. Consciente dessa realidade torna-se papel deste artigo investigar a relação entre as personagens protagonistas femininas com os fatores sociais inseridos por Telles, no romance “As meninas”.

3 Conceituando gênero e compreendendo o papel do feminismo

Para conceituar-se gênero, é preciso ter em mente a diferença de sentido estabelecida entre esse termo e o sexo biológico. Acerca da problemática da construção do gênero, Butler (2003) afirma:

A distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo (BUTLER, 2003, p. 24).

Butler conceitua gênero como uma condição de identidade que não pode refletir o sistema binário estabelecido pelo sexo biológico.

Sabe-se que, por muito tempo, a construção do conceito de gênero refletia esse sistema binário homem-mulher que estava atrelado ao sexo biológico, quando, na verdade, a ideologia de gênero está ligada a interpretações múltiplas de identidade do sujeito conforme Louro (2011):

[...] gênero constitui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, a nacionalidade, por exemplo) pretendo-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber gênero *fazendo parte do sujeito*, constituindo-o (LOURO, 2011, p. 29, grifo do autor).

O gênero, ao ser relacionado com o sistema binário homem-mulher, resultou numa justificativa para a sociedade patriarcal ocidental estabelecer poder, delimitar ações e espaços entre os indivíduos.

Logo, faz-se necessária uma desconstrução dessa interpretação equivocada de ideologia de gênero estabelecida na sociedade. Com essa desconstrução de conceitos,

o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino,

tanto um corpo masculino como um feminino (BUTLER, 2003, p. 25).

Sendo um movimento social que busca desconstruir tais ideologias, é inegável que o Feminismo torna-se importante e decisivo instrumento de denúncia ao ideal de gênero assumido por uma sociedade patriarcal:

O movimento feminista vem travando uma luta no sentido de denunciar os conceitos de ‘masculino’ e ‘feminino’ na sua oposição de ‘superior’ e ‘inferior’. Esta hierarquização entre o masculino e o feminino é uma construção ideológica e não o reflexo da diferenciação biológica. [...] Essa ideologia é transmitida, desde muito cedo, pela família, escola, meios de comunicação, religião, literatura e outros agentes socializadores. [...] O que se preocupa, em suma, é denunciar, desvendar e transformar a construção social da imagem da mulher (MOREIRA ALVES; PITANGUY, 2003, p. 63).

4 Questões sociais e de gênero presentes na narrativa do romance

Em “As Meninas” (1973), Telles dá voz a três personagens principais femininas que retratam a juventude brasileira da década de 70, são elas Lorena, Lia e Ana Clara. O enredo gira em torno das vivências das três amigas que moram num pensionato de freiras em São Paulo, vivendo em meio a um contexto político-social bastante agitado no país. O romance apresenta os fluxos de consciência e monólogos interiores das protagonistas. Cada personagem exibe características singulares: Lorena, a burguesa mimada que nutre um amor platônico por um homem casado; Lia, estudante de Ciências Sociais, engajada em movimentos de esquerda; Ana Clara, modelo e usuária de drogas, dividida entre o noivo e o amante.

As três protagonistas personificam a realidade de uma juventude brasileira heterogênea tendo como pano de fundo a ditadura militar. Tendo em vista a concretização de um fato histórico real na narrativa, devem-se levar em consideração os limites e particularidades do narrador que apresenta seres fictícios, existentes apenas no universo literário. Brait confirma esse ponto de vista ao afirmar que “a personagem não existe fora das palavras; as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção” (1998, p. 11).

O romance de Telles é lançado em meio a várias restrições políticas que também vieram a afetar a publicação de livros e editoras. Pelo fato de se tratar de uma narrativa ficcional, “As Meninas” não sofreu com as restrições impostas pelo governo, e “certamente, isso se deu pelas restrições políticas, ou seja, censura, que provavelmente seriam mais fortes em relação aos livros de não ficção” (MAUÉS, 2011, p. 53).

É inegável que o romance serviu como importante instrumento de denúncia das torturas ocasionadas pelo regime ditatorial. Em determinada passagem da narrativa, visualiza-se a carta de um preso político que expõe os processos de tortura da prisão.

Embora o romance retrate essa realidade social, salienta-se que a ditadura torna-se apenas parte da realidade do universo de três personagens femininas, o que, segundo Candido reforça a ideia de que o escritor “está interessado menos no panorama social do que nos problemas humanos, como são vividos pelas pessoas, a personagem tenderá a avultar, complicar-se, destacando-se com a sua singularidade sobre o pano de fundo social” (2005, p. 74). Afinal, não é papel de o romance servir como registro histórico de momentos particulares da humanidade, uma vez que as personagens precisam viver suas “paixões genuínas, isto é, sonhos, alegrias, tristezas e meditações [...]” (FORSTER, 1974, p. 35).

É importante salientar que há uma personagem em específico que acaba por representar os militantes que, na maioria das vezes, eram “jovens estudantes, audaciosos, mas inexperientes, [que] foram destruídos em uma luta desigual contra os aparelhos da repressão” (REIS, 2000, p. 08, grifo nosso). A personagem é Lia de Melo, talvez a mais significativa se considerar-se a intenção de Telles em realizar uma crítica ao regime militar através de uma das três personagens protagonistas. No romance, um dos presos políticos é Miguel, namorado de Lia, que, após um tempo no cárcere, é exilado para a Argélia, o que talvez justifique seu engajamento cada vez maior em combater o regime.

Lia fazia parte de um grupo militante de esquerda, interagindo com personagens secundários, que buscavam debater e criar mecanismos para enfrentar a repressão imposta pelo regime ditatorial. Em várias passagens do romance, Lia é mostrada nas inúmeras reuniões do grupo que aconteciam em espaços diferentes, para evitar

chamar a atenção das forças ditatoriais, além de serem anônimas e secretas, tal como no trecho que segue:

Lia passou a ponta da língua na unha roída. Demorou para responder.
- Perfeito. Amanhã trago uma lâmpada mais forte. E uma folhinha sem anúncio de Coca-Cola. De onde veio esta maravilha? [...] - Putz, o pátio interno. Você sabe o que tem aí defronte?
- Uma alfaiataria, falei com o velho quando cheguei. Legal, Rosa. Está vendo aqui embaixo a rede de arame? Em caso de emergência, dá perfeitamente pra pular e ir andando até a janela do velhinho.
- Que é dedo-duro da OBAN². A gente enfia a cabeça na janela e ele agarra a gente pelo pescoço, assim - fez ela puxando Pedro pela gola do pulôver (TELLES, 2009, p. 109).

Fica evidente o esforço da personagem em manter-se discreta quanto às reuniões que ocorriam naqueles espaços, além da consciência de que seu grupo poderia ser denunciado e, conseqüentemente, todos poderiam ser presos. Vale salientar que Lia usa outro nome quando em reunião com grupo, mais uma tentativa de manutenção do anonimato e autopreservação.

Em outra passagem do romance, Lia menciona aos companheiros do grupo de esquerda o autoritarismo, a perseguição e as torturas característicos da ditadura, tal como se pode observar em:

Outros colecionam selos, outro coleciona gravatas e lá adiante um entra na fila do cinema. Maurício aperta os dentes que se quebram. Não quer gritar e então aperta os dentes quando o bastão elétrico afunda lá no fundo. No desenho animado, o gato leva trompaço e dentes e ossos se trincam. Mas na cena seguinte já se colam e o gato volta inteiro. Seria bom se fosse como nos desenhos, Silvinha da Flauta. Gigi. Japona. E você, Maurício? Quando o bastão entrar mais fundo, desmaia. Desmaia depressa, morra. Devíamos morrer, Miguel. Em sinal de protesto devíamos simplesmente morrer (TELLES, 2009, p. 15).

Nota-se um posicionamento de convicção aos seus ideais revolucionários. No trecho, ela esboça um pensamento de que daria sua

² Segundo Joffily (2008), significa Operação Bandeirante. Foi lançado no dia 1º de julho de 1969 e tinha por objetivo reprimir e destruir os grupos de esquerda que estavam se organizando no país.

vida lutando por aquilo que considera ideal, em sinal de protesto. Lia compara o desenho animado e a dura realidade enfrentada por seus colegas, ressaltando que as dores enfrentadas pelos personagens do mundo da ficção não são reais como as vividas pelos seus colegas, o que lhe causa revolta e compaixão simultaneamente. Mais uma vez, conforme citação que segue, Lia relaciona as experiências de seus companheiros perseguidos com personagens de ficção:

Eurico continua sumido, foi preso assim que desembarcou e até agora ninguém sabe dele. Desapareceu como personagem de ficção científica, quando o homem metálico emite o raio e o tipo se dissolve com revólver e tudo e fica no lugar uma manchinha de gordura (TELLES, 2009, p. 25).

Torna-se perceptível a intenção de Telles em representar uma parcela da juventude brasileira daquele momento específico. Sendo Lia uma das personagens mais carismáticas do romance, o leitor sente-se atraído por suas narrações, o que, certamente, faz com que este repense a coerência e relevância das reivindicações e lutas dos jovens militantes, o que reitera o pensamento de Candido (1965) ao expor a ideia do poder que a literatura tem em modificar comportamentos e relações humanas.

Mas talvez a maior conquista de Telles com este romance seja o fato de pôr em destaque três personagens femininas narradoras com alta carga de densidade psicológica, visto que, por muito tempo, a mulher teve sua voz silenciada - não apenas na literatura, mas também em várias esferas da sociedade ocidental -. A mulher escritora não podia assumir o seu ofício, logo, utilizava pseudônimos masculinos para poder ter seu espaço assegurado. É apenas no século XVIII, com a ascensão do Romantismo Europeu, que vemos o crescimento de escritas femininas,

[...] pois o caminho foi aberto muitos anos atrás – por Fanny Burney, Aphra Behn, Harriet Martineau, Jane Austen, George Eliot -; muitas mulheres famosas e muitas outras desconhecidas e esquecidas vieram antes, aplainando o terreno e orientando meus passos. Então, quando comecei a escrever, eram pouquíssimos os obstáculos concretos em meu caminho. Escrever era uma atividade respeitável e inofensiva. O

riscar da caneta não perturbava a paz do lar. Não se retirava nada do orçamento familiar (WOOLF, 2012, p. 9-10).

E foi com o advento de movimentos que lutam contra a opressão, como o Feminismo, que a mulher pôde ter mais visibilidade e espaço nas variadas esferas sociais, inclusive enquanto escritora.

Portanto, a literatura funcionou como importante aliada no combate ao patriarcalismo e na inserção, em sua esfera ficcional, de uma nova realidade social. Logo, ao inserir personagens femininas de comportamento inovador e, às vezes, até transgressor em narrativas de ficção, os literatos contribuíram fortemente para uma renovação no repensar da sociedade. Foi o que fez Telles.

Na época em que foi lançado o romance, o movimento feminista se renovava e o sistema patriarcal começava a dar sinais de esgotamento, pois

A década de 1960 caracterizou-se por intensa mobilização na luta contra o colonialismo, a discriminação racial, pelos direitos das minorias, pelas reivindicações estudantis. [...] É neste momento histórico de contestação e de luta que o feminismo ressurgiu como um movimento de massas que passa a se constituir, a partir da década de 1970, em inegável força política com enorme potencial de transformação social (MOREIRA ALVES, 1998; PITANGUY, 1998, p. 58).

Entretanto, salienta-se que grande parte das mulheres daquele tempo não obtinha uma consciência quanto às novas ideias feministas, e, embora tenha havido uma mudança de comportamento por parte de alguns indivíduos, outros se mostravam alheios à nova realidade. Consciente disso, Telles faz questão de explorar tal realidade através de suas três personagens principais.

Há uma passagem que exemplifica essa atitude da escritora que é narrada pela personagem Lorena num de seus muitos fluxos de consciência: “Se eu não falasse tanto em fazer amor, se Ana Clara não falasse tanto em enriquecer, se Lião não falasse noite e dia em revolução” (TELLES, 2009, p. 98).

O leitor se depara, também, logo nas primeiras linhas do romance, com uma diferenciação clara entre as personalidades de duas

das personagens principais, ressaltada, mais uma vez, pela personagem Lorena:

Lião é capaz de limpar os sapatões em você mas pense no if dos lenços: a poeira é tão digna quanto as lágrimas. Não será uma poeira lunar, tão branquinha, tão fina a Poeira terrestre é da pesada, principalmente essa dos sapatos da minha amiga. Mas não se importe não, seja lenço, solto no espaço. Abriu-se leve como um para-quedas que Lião apanha impaciente.

— Você está deprimida, Lião? Angústia existencial?

— Exato. Existencial.

Está furiosa comigo, ai meu Pai. Mudou tanto, coitadinha. Quer dizer que Miguel continua preso? E aquele japonês. E Gigi. E outros, estão caindo quase todos, que loucura. E se de repente ela? Ana Clara já viu um careta meio suspeito rondando o portão, Aninha mente demais, é lógico, mas isso pode ser verdade. Sim, Pensionato Nossa Senhora de Fátima, nome acima de qualquer investigação. Mas quando aparece agora nome de padre e freira no horizonte, já ficam todos de orelha em pé (TELLES, 2009, p.15).

Nesta passagem, constata-se que a crise existencial de Lia se deva à fuga dos padrões estéticos estabelecidos pela sociedade da época ao usar sapatos que não eram usualmente calçados pelas mulheres. Além do fato de seu namorado ainda se encontrar recluso nas masmorras da ditadura.

A mudança de comportamento feminino torna-se alvo de discussões no decorrer da narrativa. Um exemplo é exposto quando, em conversa com a Irmã Bula, Lorena exibe uma revista com uma moça na capa:

Ela passou os dedinhos na moça da capa.

- Mas por que essas moças precisam tirar retrato sempre de perna assim aberta? Por que as pernas têm que estar abertas desse jeito?

- Afirmação, querida. Sexo em ângulo aberto. Tanto tempo a mulher andou com ele fechado que agora precisa polemizar, coitadinha.

- Fala mais alto!

- A Lião escreveu uns dez tratados explicando isso, libertação pelo sexo, minha querida. A porta mais fácil, é muito comprido – grito enquanto mudo o disco. (TELLES, 2009, p. 98)

Ainda, Telles fez questão de expor uma realidade social que se tornara comum entre a juventude dos anos 70³: o aumento no consumo de drogas. Ana Clara é, talvez, a personagem de maior densidade psicológica entre as protagonistas do romance. E é nela que Telles mira ao apontar a problemática do uso de drogas conforme pode-se ver no excerto abaixo – um diálogo entre Lorena e Lia a respeito de Ana Clara -:

Estou completamente amarrada, Lena, não posso ajudar Ana Clara. Se me enrolo com viciado. Nem que fosse minha irmã, não posso, onde tem traficante e viciado tem tira aos montes, estão querendo demais nos misturar. Se facilito. Sei que ela está mas essa é uma doença que me dá vontade de esganar o doente. Vão submergindo com aquelas caras pasmadas, vão afundando todos, um por um, você puxa eles pelo braço, pelos cabelos, grita, ameaça, faz tudo e eles afundando como um bloco de cimento atirado num pântano. Nem os bichos, Lena, que os bichos reagem, esperneiam. Eles não. Afundam com aquela cara parada, mortos por dentro (TELLES, 2009, p. 144).

É importante ressaltar que Ana vem de uma realidade familiar bastante conturbada, sendo filha de mãe solteira e prostituta e tendo sofrido abuso na infância. Ao expor essa realidade do passado da personagem, – através de flashbacks na narração de Ana Clara, Telles talvez tente justificar o descontrole emocional da personagem que, além de drogar-se, gasta compulsivamente e leva uma vida bastante desordenada. Tal pensamento torna-se ainda mais plausível no trecho abaixo:

– Desde ontem ela não aparece. Telefonou dizendo que está na chácara do noivo.
- Noivo. A senhora me desculpe, Madre Alix, mas Ana é produto desta nossa bela sociedade, tem milhares de Anas por aí, algumas aguentando a curtição. Outras se despedaçando. As intenções de socorro e etcetera são as melhores do mundo, não é o inferno que

³ Segundo Nadine Habert (2006), “a década de 70 assistiu à proliferação de uma imensa diversidade de comportamentos, tendências culturais e estilos de vida. Depois do vendaval dos anos 60 [...], os anos 70 começaram sob a égide da fragmentação: desdobramentos da contracultura, movimentos underground, punk, misticismo oriental, vida em comunidades religiosas ou naturalistas, valorização do individualismo, expansão do uso de drogas” (HABERT, 2006, p. 74).

está exorbitando de boas intenções, é esta cidade (TELLES, 2009, p. 146).

Percebe-se, então, que Telles reproduz, através da personagem Lia, uma severa crítica ao estilo de vida da sociedade como um todo, o que resulta numa mazela social protagonizada por jovens promissores: a entrega às drogas e a vida desordenada.

As críticas ao estilo de vida da sociedade brasileira voltam a ser abordadas por Telles em vários outros momentos da narrativa.

Considerações finais

Lygia Fagundes Telles atingiu um nível de prestígio elevado com “As Meninas” e isso se justifica pelo fato de a escritora inserir personagens que representavam uma sociedade que precisava ser ouvida, em meio a um delicado momento político. Sendo uma das poucas escritoras de ficção que superaram as barreiras da censura, Telles merece elogios pela bravura e honestidade com as quais lidou com os mais variados temas sociais.

Trazendo três personagens protagonistas complexas, com personalidades diferentes entre si, a escritora mostrou-se atenta à realidade da juventude que vivia o auge dos anos 70. Com isso, trabalhou em ressonância com a ascensão de movimentos sociais que buscavam representatividade e viam na literatura uma aliada na defesa de seus ideais.

Não restam dúvidas de que o romance representa a mulher em todas as suas nuances, virtudes, vícios e desejos. Com o uso de técnicas como o fluxo de consciência e monólogos interiores em suas personagens, Telles faz com que o leitor de “As Meninas” seja transportado para o universo da subjetividade feminina de forma realista e concreta.

Referências

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira; LONGHI, Márcia. Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres. In: SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS,

Marion Teodósio de. **Gênero, diversidade e desigualdades na educação**: Interpretações e Reflexões para Formação Docente. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009. p. 75-96.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 5. ed. rev. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

_____. **A Personagem de Ficção**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1995.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Porto Alegre: Globo, 1974.

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LUCÁCKS, George. **O romance histórico**. Tradução de Ruben Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MAUÉS, Flamarion. Os livros de denúncia da tortura após o golpe de 1964. **Cadernos Cedemda UNESP**, v. 2, n. 1, p. 47-59, 2011.

MOREIRA ALVES, Branca; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos feministas**, Florianópolis, n. 12, p. 35-50, maio/ago., 2004.

TADIÉ, Jean Yves. 1992. **A crítica literária no século XX**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

TELLES, Lygia Fagundes. **As Meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ZINANI, Cecil Jeanine. **Literatura e gênero: a construção da identidade feminina**. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2013.

Recebido em: 20/08/15

Aceito em: 15/09/15